

Mulheres na mineração: *Restitutio quae sera tamen*

Zuleica C. Castilhos e Nuria Fernández Castro

*“She’s a coal-mining woman and that’s what she aims to be
She breathes that black and dusty air, wears pants upon her knees
She’s proud to be a woman and she’s working to be free
She’s a coal-mining woman and that’s what she aims to be”
(The Reel World String Band no disco)*

*Ela é uma mineradora de carvão e isso é o que ela quer ser;
respira esse ar preto e poeirento, usa calças sobre os joelhos,
tem orgulho de ser uma mulher e trabalha para ser livre.
Ela é uma mineradora de carvão e isso é o que ela quer ser.
(Tradução nossa)*

QUESTÕES DE GÊNERO

As mulheres representam o segmento social mais desfavorecido economicamente, especialmente nos países em desenvolvimento. Por esse motivo, todos os países, em âmbito global, comprometeram-se a perseguir a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, a igualdade de gênero, com o objetivo de formar uma sociedade equitativa e reduzir a pobreza. A pobreza é um assunto complexo que consiste não só na falta de recursos financeiros, mas também na falta de acesso a outros recursos, serviços e oportunidades na economia, na vida política e na sociedade em geral. Todos os pobres carecem de acesso a recursos, mas são as mulheres e meninas as mais vulneráveis. Segundo as Nações Unidas (KERNAL, 2006), mais de 60% do bilhão de pessoas mais pobres do mundo são mulheres e meninas.

Por conseguinte, a igualdade entre os gêneros e o empoderamento¹ da mulher, conforme indicam os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio internacionalmente acordados², são decisivos para o desenvolvimento. Mas pouco pode ser sugerido em planos e programas institucionais sem um profundo conhecimento sobre a situação real. Por esse motivo, nos últimos anos, vêm se desenvolvendo estudos no sentido de avaliar as diferenças de gênero em diversas áreas.

Por ser a mulher a mais desfavorecida socialmente, tende-se a pensar que os estudos de gênero são estudos sobre o mundo feminino. Não é bem assim. Na verdade, para que seja possível a mudança dos padrões estabelecidos é preciso que os estudos de gênero enfoquem ambos os sexos, para compreendermos suas diferenças e o discurso construído historicamente, pois toda relação de dominação se baseia em crenças historicamente construídas. A hierarquização do masculino sobre o feminino³, naturalizada através dos tempos, que opera ainda hoje em escala global, regional e local, deve ser combatida com o nível de consciência das sociedades, com a educação e formação dos cidadãos, dos governos, nas estruturas de suas instituições sociais, políticas e governamentais, nas instituições e organizações não governamentais, na organização da família e do trabalho e, por fim ou começando, pelas próprias mulheres. Faz-se necessário, portanto, reconstruir as crenças baseadas na alteridade dos indivíduos para recriá-los como pólos que se completam, usando desta maneira a diferença para a soma e para a igualdade de condições entre os sexos.

O papel da mulher e a contribuição de seu trabalho para o desenvolvimento de nossa sociedade são pouco enfatizados na história das civilizações, não sendo visíveis à maioria da população. Por esse motivo, sob a perspectiva do gênero, hoje é realizado um número maior de estudos sobre as condições laborais das mulheres do que dos homens, o que pode dar a impressão errônea de que “estudos de gênero” são “estudos de mulheres”.

Os resultados de grande número de pesquisas realizadas indicam que são necessárias ações de discriminação positiva para acelerar a consecução do objetivo da equidade social, pois as mulheres, principalmente as das camadas sociais menos favorecidas, ainda vivem sob a égide da desigualdade, numa situação inferior em relação aos homens, no que diz respeito às oportunidades de um modo geral.

A MINERAÇÃO E O GÊNERO

A perspectiva de gênero já começa a refletir-se nas políticas de muitos países, em muitas áreas, mas, no campo específico da mineração, ainda não encontramos mudanças significativas a respeito do desenvolvimento de políticas laborais e sociais para as mulheres mineradoras. No Brasil, a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres tem expressado a necessidade e se esforçado para inserir o tema da igualdade de gênero transversalmente nos vários ministérios que formam o atual governo. Entretanto, em que pese o fato de que Dilma Rousseff fora, até poucos meses atrás, a primeira mulher a ocupar o cargo de Ministra das Minas e Energia, as mulheres da mineração continuam em segundo plano.

Enquanto o sexo é dado pela natureza, o gênero é convencionado pela sociedade. Em todas as culturas a mineração é vista como um trabalho masculino, por ser duro, insalubre e requerer muita resistência física. Na percepção da sociedade, apenas um

ser biologicamente superior poderia suportar essas precárias condições: o homem (CAROLA, 2002). Hoje, embora possamos pensar que os avanços tecnológicos desse setor permitem uma maior inserção feminina, de fato, em números, a participação formal e reconhecida das mulheres na mineração é bem menor que a dos homens. Ao olharmos para a história da mineração, podemos observar que a tecnologia, por atenuar a característica de trabalho rude daquele realizado nas minas, em muitos momentos contribuiu para a diminuição e até a eliminação do trabalho feminino nas minas e não para promovê-lo, como poderia se pensar. Por outro lado, a tecnologia não está presente na mineração artesanal, na qual há uma maior proporção de mulheres mineradoras e seu trabalho, informal e não reconhecido, continua a ser pesado e insalubre. Pode-se afirmar, portanto, que a mineração é hoje uma área em que há muitas diferenças de gênero. Mas, considerando o gênero como um processo além de uma estrutura, conhecer essas diferenças poderá ajudar a alcançar a tão buscada equidade social entre mineradores e mineradoras.

Um dos principais entraves que se encontram ao se tentar estudar o papel da mulher na mineração é que esse setor é normalmente percebido como masculino e, portanto, na percepção e na memória coletiva, a mulher não está presente nele. Mas, na verdade, não é só na atualidade que a mulher desempenha algum papel na mineração. As mulheres sempre estiveram presentes e tiveram papéis importantes na história da exploração mineral. Neste trabalho será desenterrada uma pequena parte da história das mulheres mineradoras, as trabalhadoras das minas.

Há muitas outras mulheres da mineração: as mães, as viúvas, as filhas, as esposas e as prestadoras de todo tipo de serviços que são lutadoras incansáveis na tentativa de melhorar as condições de vida de suas famílias, que se constituíram em exemplos dos movimentos sindicais e que, sobretudo, foram e são fundamentais em manter os trabalhadores, seus maridos, pais, filhos e irmãos, nas minas. Quanto a essas outras mulheres da mineração, às quais já foi reconhecida “*uma importância econômica e industrial peculiar*”, em um estudo concluído nos anos 20 pelo Escritório da Mulher dos Estados Unidos (BEIK, 1996 APUD GIER E MERCIER, 2006, p.6, tradução nossa), pouco se falará neste texto, pois seria preciso um espaço muito maior para mostrar essa importância.

Além de tudo isso, quando inseridas na mineração informal, muitas delas tornam-se mulheres mineradoras, embora seu trabalho não seja reconhecido como tal e seja considerado como uma extensão de suas atividades domésticas, sem reconhecimento como atividade econômica, mas apenas como uma ajuda ao marido ou à família, e sem remuneração, como sugere o índice de 17,8% de mulheres não remuneradas na mineração brasileira (JORGE, 2005). Em muitas situações, o caráter familiar da atividade mineral informal leva estas mulheres a uma sobrecarga de trabalho. Com isso, elas mostram dificuldade para assumir o controle de sua sexualidade e da maternidade (ESMERALDO ET AL., 2003), controle já conquistado por outras camadas

sociais, mantendo assim suas obrigações para com o lar e com os filhos, além de seu trabalho na mina.

Outras vezes, a atividade que as mulheres desempenham é essencial para a mineração, mas não é sentida desta forma por elas, nem reconhecida pelos homens. Um exemplo é a mineração artesanal de ouro na Bolívia, onde as mulheres suprem a água necessária para os processos da mineração, mas não se sentem, nem são reconhecidas como mineiras. Elas apenas carregam a água, mesmo que isto seja essencial para a atividade de mineração, impossível de ser realizada sem este insumo (ANA MARIA ARANIBAR E CÉSAR MOSQUEIRA, comunicação pessoal, PROSUL ETAPA I, MARÇO DE 2005).

Desta forma, este trabalho enfoca a mulher na mineração principalmente por dois motivos:

- a) O CETEM - Centro de Tecnologia Mineral, no qual trabalhamos, é um instituto de pesquisa do Ministério de Ciência e Tecnologia e tem como foco de seus trabalhos multidisciplinares a indústria mineral, e
- b) a Organização Internacional do Trabalho - OIT estima hoje um total de 13 milhões de mineradores em 55 países e entre 80 e 100 milhões de pessoas dependentes dessa atividade. A participação feminina varia nos diferentes continentes: 10% na Ásia, 20% na América Latina e mais de 40% na África. Na mineração artesanal, as mulheres perfazem cerca de um terço do contingente de trabalhadores (MIRANDA, 2004). Entretanto, a mineração é uma atividade normalmente percebida como masculina e, portanto, na memória coletiva, a mulher não tem papel nela.

Em homenagem a todas as mulheres da mineração da história do mundo, adaptamos a inscrição da bandeira de Minas Gerais, o Estado coração da mineração no Brasil, e intitulamos este trabalho de “Reconhecimento, ainda que tardio” ou *Restituito quae sera tamen*.

MULHERES MINERADORAS: TRABALHADORAS INVISÍVEIS

A primeira diferença de gênero que encontramos na mineração é a invisibilidade da mulher no setor mineral. Como já amplamente discutido neste texto, trata-se de uma atividade de domínio masculino e, portanto, sem lugar para as mulheres, na percepção da sociedade. A tradição também contribui com esta errônea percepção. Em todos os países pesquisados, considera-se que a mulher não pode trabalhar na mina, pois sua presença seria um fator de má sorte.

As superstições são diversas; para as comunidades mineradoras de muitos países do mundo, se a mulher entrar na mina, acontecerão acidentes e mortes. Para outras, o minério desaparecerá. No caso da cultura japonesa, a deusa da montanha ficará ciumenta e produzirá acidentes (CHERRY, 2002). Nos Estados Unidos, na Pensilvânia,

acreditava-se que algumas mulheres podiam amaldiçoar a mina e, inclusive se, no caminho para a mina os mineradores encontrassem uma mulher, eles desfaziam o caminho andado e voltavam a sair de casa, e as mulheres que trabalhavam nas minas só podiam entrar depois que todos os homens estivessem dentro (BARTOLETTI, 1999). Em países africanos como Tanzânia, o azar é relacionado com a menstruação; as mulheres são banidas de áreas de garimpos porque dão azar, especialmente quando se encontram no período menstrual, quando se encontram em estado de “impureza” (GIBBON, 1995).

Essa tradição ou superstição generalizada, aliada à concepção de que o trabalho nas minas é masculino, pelas duras condições em que se desenvolve, e a imagem da mulher como frágil, tem levado a que, mesmo populações onde as mulheres efetivamente trabalharam nas minas não se lembrem desse fato.

Pode-se citar, como exemplo, o espanto com que muitas pessoas ligadas à área de mineração reagem à pergunta sobre a presença de mulheres na mineração brasileira, tendo invariavelmente a pronta resposta de que não há mulheres na mineração brasileira. Este fato é corroborado pelo não reconhecimento (pela ausência de registro das empresas) das “escolhedeiras” de carvão mineral como operárias ou trabalhadoras das minas de carvão em Santa Catarina (CAROLA, 2002), embora tenham trabalhado cerca de três décadas em empresas de mineração. Na verdade, grande parte das pessoas que não lembram de ter visto mulheres na mineração insiste em esclarecer que as mulheres trabalhadoras nas minas de carvão em Santa Catarina não eram mineradoras, mas sim “escolhedeiras”, ou seja, elas existiam nas áreas de produção e beneficiamento do carvão mineral, mas não eram reconhecidas como parte importante do processo produtivo. Como nos mostra Renato Carola em seu livro, *Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina, 1937-1964*, a cidade de Criciúma simboliza a mineração de carvão, atividade geradora da cidade, com uma homenagem ao homem minerador, sem nenhuma menção às atividades exercidas pelas mulheres (CAROLA, 2002).

De igual forma, no Japão, quase ninguém hoje pode conceber que, em seu país, milhares de mulheres trabalharam nas minas, sob e sobre a superfície, durante mais de cem anos (HUNTER, 1995).

Há uma grande dificuldade em se encontrar trabalhos que mostrem os trabalhadores das minas, inclusive em países de histórica tradição mineral, como muitos da Europa. As atividades exercidas pelas mulheres aparecem apenas citadas “entrelinhas” em textos que enfocam diversos assuntos relacionados à mineração, como veremos ao longo deste texto, sendo necessário “garimpar”, dentre uma série de informações técnicas ou históricas, a presença da mulher e suas atividades no processo produtivo mineral.

No Brasil, alguns trabalhos importantes abordam a atividade mineral na subjetividade dos homens, mas, na maior parte das fontes documentais ou oficiais da

mineração, a presença dos trabalhadores, homens ou mulheres, é praticamente insignificante, sendo que o mais estranho é a completa invisibilidade das trabalhadoras (CAROLA, 2002). Sirva de exemplo a importante contribuição histórica do livro *Brasil 500 Anos: a construção do Brasil e da América Latina pela mineração*, editado pelo CETEM (LINS ET AL., 2000), que trata principalmente de aspectos tecnológicos, com abordagem marginal dos trabalhadores em geral e sem nenhuma referência às mulheres em particular.

Há também carência de estudos sobre relações de gênero nas atividades ligadas à mineração, sendo que importantes pesquisadoras de gênero em outras atividades econômicas não haviam, ainda, se interessado em trabalhar sobre o tema, devido em parte ao pequeno número de trabalhadores na indústria extrativa mineral, quando comparados ao total de trabalhadores brasileiros e ao pequeno contingente de mulheres envolvidas na mineração, observado nas estatísticas oficiais de pessoas economicamente ativas (JORGE E MELO, NESTE LIVRO).

As bases de dados do Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM carecem de informações desagregadas por gênero, não permitindo o acesso os pedidos de concessão de lavra por mulheres e homens, respectivamente, de maneira sistemática, a fim de permitir a identificação de geólogas, engenheiras e empresárias da mineração para uma análise exploratória de relações de gênero na mineração brasileira.

Sobre a questão do trabalho feminino na mineração, também não existe uma literatura específica, podendo-se dizer que a presença da mulher nas atividades de mineração é invisível, não sendo identificada nem nos documentos oficiais da história e nem na memória do povo. E, portanto, análises de gênero estão ainda mais distantes do contexto atual da mineração brasileira, em especial da pequena mineração, cujo caráter, muitas vezes informal, reflete-se nas precárias informações documentais disponíveis o que dificulta ainda mais esse tipo de análises.

Extremamente curioso é o fato de que, mesmo com essa invisibilidade documental e de memória coletiva, ao se entrar em contato com a realidade da mineração informal no Brasil, percebe-se a inserção feminina. É possível reconhecer, em visitas a áreas de mineração e em registros fotográficos, a presença e atividade femininas. Por exemplo, em Brejinho das Ametistas, no Estado da Bahia, centenas de mulheres garimpam ametista em rejeitos de uma cooperativa. Da mesma forma que em outros países, também no Brasil, a maior participação das mulheres aparece na pequena mineração, mas não há estudos detalhados sobre este assunto. Um registro fotográfico, reproduzido neste livro (ver Imagem 1 na página 193), registra a participação das mulheres e crianças em garimpos de esmeraldas. Segundo Sauer (1992) “No Brasil, assim como na Colômbia, velhos, mulheres e crianças re-examinam e lavam o minério descartado, vigiados por compradores de gemas que oferecem dinheiro vivo pelas esmeraldas encontradas”. Portanto, acreditamos que muitas outras mulheres em diversas

atividades ligadas ao setor produtivo mineral estejam também invisíveis. Ou seja, a inserção feminina neste universo necessita ser “garimpada”, como primeiro passo para o seu reconhecimento, sendo indispensáveis os trabalhos etnográficos em áreas de mineração.

Portanto, na mineração brasileira, em especial na pequena mineração, pouco se conhece sobre as condições de trabalho, atividades e inserção econômica das mulheres, ou mesmo do reconhecimento de seu trabalho como pertencente à atividade de mineração e ou de agregação de valor ao produto mineral brasileiro. Como já citado, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, cerca de 18% das mulheres mineradoras no Brasil não são remuneradas enquanto que a não remuneração entre os homens situa-se em torno de 3% (2005).

A Convenção n. 45 da OIT, de 1935, recomendou que o trabalho subterrâneo de mulheres fosse proibido. No Brasil, o Decreto n. 3.233, de 03 de novembro de 1938, proíbe o trabalho de mulheres na mineração subterrânea. Partindo-se do princípio de que só é necessário proibir algo corrente (e sem apoio da sociedade), é provável que tenha havido trabalho de mulheres em minas subterrâneas até 1938 (ou até posteriormente, pois, como se sabe, algumas leis demoram um período relativamente longo para serem totalmente respeitadas). Então, por que se conhece tão pouco desta história? Conclui-se, portanto, que a força de trabalho feminina está e esteve presente desde há muito na mineração brasileira, mas que os registros desta contribuição permanecem dispersos e sem visibilidade.

Nas palavras de Carlos Veloso (1996):

“historicamente, na corrida do ouro para Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, nos arraiais que viriam a ser vilas e cidades, a mulher foi importante agente na criação e desenvolvimento e insubstituível pela força civilizatória que exerceu. Incrementou também um consumo de bens não considerados essenciais pelos rudes mineiros e desbravadores, dinamizando o comércio e a circulação nas novas vias, cruzadas por um número sempre crescente de tropas-mulas. Nas camadas medias e elevadas da sociedade brasileira colonial, o seu gosto pelo luxo, por muito relativo que fosse e, menos freqüentemente, pelas artes, introduziu, no áspero interior, certos requintes impensáveis. No seio da sociedade masculina, a mulher contribuiu para o prestígio cultural de povoados isolados, transformando o ouro em cultura. As vilas tornaram-se cidades, como Nossa Senhora do Carmo (atual Mariana) e Vila Rica, (atual Ouro Preto) e tantas outras, e chegaram a ser, em plena época de grande mineração, verdadeiros centros culturais, apresentando regularmente, espetáculos de teatro e até de opera! No período de decadência das áreas mineiras, por esgotamento do metal precioso, são mulheres as únicas a não abandonar o barco, enquanto os homens se apressam em busca de novas terras, por ventura, tão ricas quanto estas.... Em tempo de emigração intensa, as zonas rurais mais desfavorecidas viram-se praticamente limitadas a uma população de idosos, mulheres

e crianças, última fronteira humana em vastas regiões, preservando, assim, a sua ocupação, cabendo a estas mulheres, como é óbvio, a direção destas comunidades”.

Portanto, conhecer os destinos de áreas após a interrupção da atividade mineradora pelo esgotamento do minério pode servir para compreender e valorizar o papel das mulheres nesta realidade.

Mas a invisibilidade da mulher no setor mineral não é específica dos operários das minas. São escassos os documentos sobre as atividades das mulheres em áreas de mineração, mesmo quando restritas à prostituição ou relacionadas com tarefas auxiliares, como a de cozinheiras (RODRIGUES, 2004). Pode-se dizer, ainda, que, no ambiente da mineração, se está longe do reconhecimento do trabalho social da mulher em suas funções de mãe e esposa, viúva e filha dos mineradores cuja contribuição tem sido amplamente discutida em artigos específicos da área da economia, bem como em simpósios internacionais, tais como o *Seminário Internacional: Gênero, Trabalho e Família em Perspectiva Comparada*, realizado em abril de 2005, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Há, no entanto, um crescente movimento para a valorização monetária daquelas funções, ou seja, deixando de considerar uma série de funções tidas como naturalmente femininas e sem valor monetário e expressando-as economicamente, uma vez que ocupam muitas horas do dia de uma mulher. Esperamos que esta abordagem chegue também ao setor mineral.

MULHERES NA HISTÓRIA DA MINERAÇÃO

A mineração acompanha a história do ser humano. Tecnicamente, antes de o homem ser “homem”, há cerca de dois milhões e meio de anos atrás, já extraía pederneira (*flint*) para fabricar ferramentas e continuou extraindo recursos minerais em uma forma de mineração superficial de muitas rochas cristalinas com as quais podia fabricar suas ferramentas. Da mineração subterrânea, considera-se a mina de “Lion Cave” em Swazilândia, a primeira mina da história, da qual o humano arcaico extraía ocre (hematita) e cuja idade mínima é, pelas datações realizadas, de pelo menos, 43.000 anos, podendo chegar a 70.000 ou até 110.000 (MORTON, 1996).

Sobre os mineradores pouco se sabe, devido à antiguidade desse sítio e de outros que foram aparecendo em escavações arqueológicas e, por isso, não há registros sobre divisões de tarefas por sexo entre os indivíduos. Porém, há vestígios do trabalho feminino em outras minas da antiguidade, a começar pelo período Neolítico, no sítio arqueológico britânico de Windmill Hill, do ano 4.000 a.C., onde os homens e mulheres comerciavam, com outras sociedades da Irlanda e do continente, diversos bens produzidos ou extraídos lá, como a pederneira (*flint*) para cuja extração, segundo os registros existentes era usada mão-de-obra feminina para carregar o solo e materiais extraídos, sobre a cabeça (KEENAN, 2004).

De igual forma, os muitos restos arqueológicos da cultura egípcia mostram que esse povo, há muito tempo, descobriu as riquezas do subsolo e começou a explorá-las. Como exemplo, os primeiros colonizadores do Sinai, há cerca de 8.000 anos atrás, eram mineradores (MONROE, 2006). Foram atraídos para essa região pela abundância de cobre e turquesas, os quais foram lentamente escavando, passando de um depósito para outro. Poderíamos dizer que os primeiros moradores do Sinai eram “garimpeiros”. Mas, no Egito, no houve somente garimpeiros. Ao longo da história reis, faraós, sacerdotes e outros poderosos organizaram gigantescas expedições em busca dos tesouros da terra⁴. Houve grandes acampamentos mineiros e neles trabalhavam homens livres e escravos, mulheres e crianças, como se pode ver na descrição da mineração egípcia de Diodorus Siculus (SÉC. I A.C.), o historiador:

“Aqueles com menos de trinta anos de idade tomam a pedra extraída e, com pilões de ferro, quebram determinadas quantidades dela até o tamanho de uma flor. Então, as mulheres e os homens velhos peneiram a pedra triturada e colocam-na em moinhos, dos quais há vários em linha e posicionam-se em grupos de dois ou três, nas manivelas dos moinhos, e moem a pedra até ficar com a consistência da mais fina farinha” (AGRICOLA, 1950, tradução nossa)

Mas a contribuição das mulheres não foi só na mina. Na cultura egípcia, as sacerdotisas e outras mulheres especiais conheciam a arte dos metais, em uma época em que a química, a medicina, a metalurgia, as superstições e as crenças se misturavam na ciência da alquimia. Georgius Agricola, no texto que se considera o primeiro tratado sobre mineração, *De Re Metallica*, escrito em 1506, cita três mulheres: Cleopatra⁵, a criada Taphnutia e Maria, a Judia, entre uma grande lista de alquimistas (AGRICOLA, 1950). Há muitas dúvidas quanto à existência desses alquimistas, pois era costume entre eles assinar os trabalhos com pseudônimos ou o nome de outros alquimistas e até filósofos, mas alguns parecem de fato ter sido reais.

Destacamos aqui uma de grande importância, Maria, a Judia, considerada por muitos a primeira mulher alquimista e uma grande mestra da arte dos metais e minerais. O alquimista grego, Zósimo (SÉC. III D.C.) faz alusão a ela continuamente em seus escritos, chamando-a inclusive de Maria, a divina. Acredita-se que viveu entre os séculos I e III d.C., no Egito, e escreveu tratados práticos de química, com descrições dos aparelhos e métodos utilizados, quase todos inventados por ela. Embora não haja um consenso entre os historiadores, muitos atribuem a ela a invenção do até hoje chamado “Banho Maria” (PATAI, 1995).

Do Egito seguimos para o Império Romano, grande explorador de recursos minerais em todos os territórios sob seu domínio, e extraímos também registros de mulheres mineradoras em estudos sobre economia e administração do império:

“Cadáveres de 15 pessoas celtiberas, das que algumas são mulheres, que morreram por ocasião de derrubamentos nas galerias, apareceram nas minas do Sudeste. A presença da mulher confirma o que se desprende das Tabelas de *Vipasca* I 3.4,5, com ocasião de legislar sobre o uso do banho, de que **nas minas trabalhavam também mulheres**, ao igual que, talvez em *Alburnus Maior*. Mulheres trabalhavam nas minas de ouro do Noroeste hispânico, segundo o testemunho de Estrabón (3.3.9). No mencionado texto de Agatarquides sobre as minas de ouro núbias são citadas mulheres mineradoras e, em um segundo texto do mesmo autor (DIOD. 4.13.1), crianças, também citados em Vip. 13.6. Uma estela de Baños de la Encina (JAÉN), em plena zona de mineração da Sierra Morena, representa uma criança mineradora com martelo e um cesto. Esta emigração de mineradores do Noroeste, não era apenas de homens, mas também de mulheres, que deviam trabalhar nas minas; assim está documentado perto de Aroche (HUELVA) uma *Vibia Crispa, abrigensis* (CIL II,967); *Tabia Frica, Serpensis* (CIL II,971); *Baebia Crinita, Aurobrigensis* (CIL II,964) e em Alosno uma dama de Olisipo (CIL II,959)” (Blázquez, 1989 – tradução nossa).

Já na Idade Média, nos achados de sítios mineiros em Zimbaue, datados do século XIII, encontraram-se esqueletos de trabalhadores e trabalhadoras de minas de ouro; pelo menos metade deles eram de mulheres. Os arqueólogos responsáveis pela datação chegam a sugerir que a mineração de ouro no local, Mina de Aboyne, pode ser uma evolução da agricultura e que, sendo as mulheres as detentoras da tecnologia agrícola nessa região, bem poderiam ter sido as pioneiras na mineração de ouro (PYBURN, 2002). E na Alta Idade Média, no tratado sobre mineração provavelmente mais lido pelos historiadores e profissionais da indústria mineral até hoje, *De Re Metallica*, antes citado, o trabalho nas minas, pelo geral, é descrito de forma impessoal ou como realizado por homens, mas encontramos nele um pequeno parágrafo que nos interessa, o das “escolhedeiras”:

“...o trabalho de selecionar o metal puro ou o melhor minério, não é feito somente por homens, mas **também por mulheres** e crianças” (AGRICOLA, 1950)

Nesse mesmo texto, porém, encontramos várias ilustrações feitas pelo autor, Georgius Agricola, nas quais aparecem mulheres nas minas da época (Figuras 2 e 3). Pode-se ver as mulheres sempre como lavadeiras, seja de filtros ou de minérios, mais sempre (com exceção das escolhedeiras) em tarefas auxiliares. O fato de não serem mencionadas no texto parece indicar que essas atividades eram consideradas, já naquela época, tarefas de “mulheres” e não específicas da mineração.



A—HEAD OF THE SLUICE. B—RIFFLES. C—WOODEN SCRUBBER. D—POINTED STICK.
E—DISH. F—ITS CUP-LIKE DEPRESSION. G—GROOVED DISH.

Figura 2 - Mulher separando o minério, desenho do G. Agricola (Agricola, 1950)



A—LONG TABLE. B—TRAY. C—TUB.

Figura 3 - Escolhedeiras, desenho do G. Agricola (Agricola, 1950)

A época colonial na América Central e Sul-américa, entre os séculos XVI e XIX, representa um momento importantíssimo na história das mulheres na mineração, pois há uma grande inserção de mulheres nas minas dos territórios dominados. A conquista da América, como é bem sabido, foi direcionada desde o início para a exploração dos recursos minerais, e a busca do “El Dorado” rendeu muitas e muitas páginas na literatura não só científica do mundo todo. Sobre nosso assunto específico, as mulheres na mineração, há muitas informações deste período da história (ver o trabalho sobre as mulheres mineradoras na Bolívia, de Ana Maria Aranibar, neste livro).

Por exemplo, a maior fonte das riquezas da Espanha, já na metade do século XVI, provinha da exploração de ouro e prata em suas colônias centro e sul-americanas. A dificuldade de se conseguir mão-de-obra voluntária para as atividades de mineração nos Andes e no Caribe fez com que as autoridades espanholas utilizassem a que encontravam no local, forçando os índios e índias a que contribuíssem com seu trabalho nas minas, mediante um sistema de cotas, chamadas *mitas*. Para alcançar a cota estabelecida pelos colonizadores, famílias inteiras se dedicaram à exploração mineral. A mão-de-obra indígena foi, em alguns países, reforçada com a mão-de-obra escrava proveniente da África, principalmente no Caribe. Em muitas comunidades, já nesse período, com o abandono de algumas minas, as mulheres tomaram a iniciativa e iniciaram trabalhos de mineração artesanal nas áreas inativas. Um exemplo curioso é o da comunidade de Escravos Reais de El Cobre, em Cuba, quando, em finais do século XVII, a coroa espanhola confiscou da iniciativa privada a exploração de cobre, por descumprimento dos contratos estipulados⁶. A sociedade então estabelecida, escravos reais, libertos e alguns poucos escravos de alguma das categorias anteriores, começou se destacar na exploração informal do cobre, que era feita e organizada pelas mulheres (GIER E MERCIER, 2006).

Enquanto os espanhóis utilizavam toda a mão-de-obra que tivessem disponível, na cultura portuguesa, a mineração era tarefa “masculina” e os empresários e autoridades davam preferência ao trabalho feminino dentro dos espaços domésticos.

No auge da exploração da prata do morro Potosi (Bolívia), pelos espanhóis, por exemplo, metade dos trabalhadores eram mulheres:

“Os dados sobre a população em Potosi revelam um número igual de homens e de mulheres. Os donos das minas insistiam, com frequência, em usar as mulheres para os trabalhos domésticos, mas o pagamento da Mita não era suficiente para comprar a comida necessária. Por isso, mulheres e crianças conseguiam emprego britando o minério nas usinas” (TANDETER, 1993 apud GIER E MERCIER, 2006 – tradução nossa)

Os registros da mineração nas colônias portuguesas mostram também mulheres trabalhando nas minas só que, como já mencionado, as atividades exercidas pelas mulheres aparecem apenas citadas “entrelinhas” em textos que enfocam diversos

assuntos relacionados à mineração (ver Imagem 2 na página 193). Assim, encontram-se descrições de atividades de mulheres na mineração em livros como *A História da Mineração Morro Velho*, no capítulo: *Morro Velho e a Força de Trabalho*, incluindo interessantes registros fotográficos (Figura 4). Seguem, abaixo, alguns exemplos de textos garimpados no livro.

- “...Quando este tipo de transporte mecânico não era possível, o material era então transportado na cabeça, principalmente por jovens negras, que eram obrigadas a passar por frágeis tábuas e escadas.”

- “...Para o tratamento, o minério era levado para áreas de seleção, onde mulheres munidas de martelos partiam os pedaços maiores até reduzi-los a um tamanho que facilitasse sua trituração nos pilões”

“...A introdução da dinamite no processo de desmonte do minério, em 1860, “...reduziu a necessidade de trabalhadores. A mão-de-obra feminina continuou a ser utilizada nas atividades de trituração do minério.” (MORRO VELHO, 1996)



Figura 4 - Escolhedeiras da Mineração Morro Velho (Morro Velho, 1996)

Agora bem, parece haver um consenso entre historiadores e estudiosos das questões de gênero que é na era moderna quando o papel da mulher na mineração é mais importante. Por se tratar de um momento muito importante do trabalho feminino, encontramos muitos estudos de gênero sobre esse período. Nos séculos XIX e XX abre-se realmente o acesso das mulheres ao mundo do trabalho fora de casa. A Revolução Industrial precisa de muita mão-de-obra para seu desenvolvimento e muitas mulheres ingressam em um mundo antes reservado quase exclusivamente ao sexo masculino. Mas é também nessa época, porém, quando para evitar, provavelmente, que as mulheres ocupem o espaço público, as correntes filosóficas conseguem firmar o papel passivo da mulher na sociedade, empurrando-a de volta para casa ou para empregos que podiam ser considerados como femininos. Isso levou a que a maioria de países do mundo proibisse o trabalho das mulheres dentro das minas, com a ratificação da Convenção n. 45 da OIT, de 1935. Essa proibição foi considerada um triunfo para a proteção da saúde da mulher e a manutenção de seu papel como suporte familiar e de educadora dos filhos, no âmbito doméstico, como a ideologia da “família burguesa” preconizava, paradoxalmente, em uma época em que os avanços tecnológicos iam melhorando as condições de trabalho nas minas. No Brasil, não foi diferente:

“Na década de 30, foram implantados moinhos para trituração do minério, eliminando-se o trabalho das mulheres e proíbe-se por lei, o trabalho em subsolo, de menores de 21 anos de idade.” (MORRO VELHO, 1996).

Com maior ou menor facilidade o trabalho feminino foi sendo eliminado da mineração subterrânea entre os séculos XVIII e XX, praticamente no mundo todo. Em alguns países essa proibição não foi totalmente respeitada, permitindo-se esse tipo de trabalho para as mulheres especialmente em períodos de guerra, quando a mão-de-obra masculina diminuía. Por se tratar de um trabalho tão masculino, as mulheres mineradoras converteram-se em símbolos da mulher obreira na Revolução Industrial, em muitos países, e graças a isso conhecemos hoje, um pouco melhor essa parte da história.

As correntes filosóficas do “poder” e “espaço público” masculinos *versus* “submissão” e “espaço privado” femininos, idéias, sobretudo, da França, tiveram para a mineração, suas primeiras conseqüências práticas na Inglaterra, onde as terríveis condições do trabalho nas minas no carvão serviram repetidamente de ilustração do que não deveria ser “trabalho feminino”. Assim, a Inglaterra, país como outros da Europa em que a Revolução Industrial não economizou recursos humanos, mesmo que fossem crianças ou mulheres, para seu desenvolvimento, foi a primeira a proibir esse tipo de trabalho em meados do século XIX. Paradoxalmente, o Império Britânico não parou de usar a mão-de-obra feminina em

suas colônias, como acontecia na Índia, por exemplo. Nas minas de carvão do leste indiano, em 1921, havia quase 71.000 mulheres trabalhando junto a 116.000 homens; quase 40% dos trabalhadores eram mulheres. Dessas, 60% trabalhavam sob a terra (LAHIRI-DUTT, 2006). A Índia também ratificou o Convênio n. 45 da OIT e o número de mulheres mineradoras caiu muito no período pós-colonial, chegando a 17% do total. Após várias tentativas legais, a Índia só conseguiu banir definitivamente o trabalho feminino na mineração subterrânea em 1952 e, atualmente, a porcentagem de mulheres mineradoras nesse país não chega a 6% dos trabalhadores das minas.

Enquanto que na Inglaterra foi relativamente fácil convencer a sociedade da “inumanidade” do trabalho das mulheres nas minas subterrâneas, em outros países como a Bélgica foi necessária uma longa luta filosófica, política e social para eliminar esse tipo de trabalho. Na Bélgica, as tentativas para separar os espaços laborais dos trabalhadores do carvão enfrentaram uma tradição secular de trabalho misturado, sem divisão sexual das tarefas, que não queria desaparecer. Nas minas da Bélgica, homens e mulheres realizavam normalmente as mesmas tarefas. As mulheres compartilhavam com os homens os perigos e o trabalho duro da mina.

“Nas minas de carvão Belgas, as mulheres e meninas constituíam a décima parte da força de trabalho subterrânea. Havia, entre 1860 e 1889, aproximadamente 11.000 mulheres adultas, trabalhando sob a terra, junto com 100.000 homens (obviamente, muitos milhares de mulheres trabalhavam sobre a superfície, onde a proporção de mulheres para homens era menor). Embora os números sejam tão pouco confiáveis como eram os do trabalho na França na mesma época, por exemplo, fica claro que **um número importante de mulheres estava trabalhando junto com os homens nas minas subterrâneas**” (MONTGOMERY, 2003, p. 133 – tradução nossa)

As trabalhadoras das minas representavam o ideal simbólico da nova identidade belga, que foi se formando após a independência, estereotipadas como mulheres jovens, fisicamente fortes, estóicas e esforçadas. As trabalhadoras das minas foram musas inspiradoras de grupos de artistas que, no final do século XIX, dedicaram-se a mostrar, mediante sua arte, trabalhadores de todos os setores. Assim, converteram-se, na Bélgica de então, em autênticas heroínas do trabalho, que se encontravam orgulhosamente lado a lado com os homens trabalhadores. Por esse motivo os esforços de se transformar a mineração belga em um setor “moderno”, como nos outros países da Europa, foram muito mais demorados, testemunhando continuas tentativas dos reformistas, legisladores e alguns industriais, para convencer a opinião pública de que os padrões burgueses de moralidade deviam ser impostos. Os argumentos de “excesso de licença sexual no escuro das minas” e de que “o contato contínuo com os trabalhadores transformava as fisionomias e a personalidade das mulheres, masculi-

nizando-as” só venceram em 1911 quando o trabalho subterrâneo das mulheres foi finalmente proibido (MONTGOMERY, 2003 E CAESTEKER, 2001).

Há muitos exemplos da eliminação do trabalho das mulheres nas minas em diversos países do mundo. Em 1919 havia 111.849 mulheres trabalhando em minas no Japão, número que caiu para 76.199 em 1922, após a depressão de 1920. Foi se espalhando a idéia de que trabalhar na mina era ruim para as mulheres e, aos poucos, elas foram saindo, mas, quando viam que o salário do homem não era suficiente, voltavam. Em 1928 foi proibido definitivamente o trabalho feminino nas minas. Paulatinamente as mulheres foram empurradas para minas pequenas com condições de trabalho ruins ou ficaram desempregadas. Porém, diversas revisões da legislação permitiram o trabalho das mulheres nas minas até 1947, trabalho que as mais velhas ainda lembram. O trabalho no carvão foi, no início, aceito como parte das atividades domésticas da mulher, nessas áreas rurais, mas, à medida que iam aumentando as horas a serem trabalhadas, a indústria foi se beneficiando mais do trabalho barato das mulheres e crianças e, aproveitando também para manter baixos os salários dos homens dessas famílias nas minas (HUNTER, 1995).

Em outros países da Ásia, como a China, também trabalhavam mulheres e inclusive fora de seu país, como na Malásia, onde em 1910, dos 20.000 trabalhadores chineses trabalhando nas minas, 15% eram mulheres (MANDERSON, 2002).

Na Rússia, as mulheres também foram proibidas de trabalhar na mineração subterrânea em 1917, mas em 1931 a mineração subterrânea, melhor remunerada que a de superfície, abriu de novo as portas para o trabalho feminino. O número de mulheres trabalhando no interior de dez minas apenas passou de 401, em 1931, para 2.355 em 1932 nas mesmas dez minas, segundo Goldman, e na Rússia toda, no período de 1929 a 1933, metade dos novos trabalhadores que ingressaram nas minas eram mulheres (2002).

Nas comunidades carvoeiras dos Apalaches, nos Estados Unidos, a participação das mulheres em diversas áreas é muito importante. As mulheres trabalham nas minas, organizam festas, apóiam as greves, escrevem e cantam suas músicas, além de cumprir suas tarefas de mães e filhas. Em um disco, intitulado “Mulheres mineradoras de carvão” (COAL MINING WOMEN, 1997) cantado integralmente por mulheres, elas falam do trabalho nas minas e de suas preocupações no sindicato e na comunidade. As músicas mostram o cotidiano nessas comunidades mineiras, a história, a luta pelos direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras, como mostram os trechos a seguir:

“Trago o blues da mulher mineradora
como você tenho o direito de escolher
um emprego com um salário decente
uma melhor chance de fazer meu
caminho
se você não vai me apoiar
não interfira”
(Blues da Mulher mineradora de
carvão)

*I got the woman's coal miner blues
Just Like you I have got the right to
choose
Job with a decent pay
A better chance to make my way
If you can't stand by me
Don't stand in my way”
(Woman Coal Mining Blues)*

“Eles sugam seu sangue e tiram a vida
de nossos filhos
tiram os pais dos filhos e os maridos
das esposas
oh, mineradores, por que não se
organizam, onde quer que estejam
e fazem desta uma terra de liberdade
para os trabalhadores como você e eu?
...
Sou a esposa de um minerador,
certamente desejo-lhes o melhor
Vamos afundar este sistema capitalista
nos mais escuros poços do inferno”
(Vamos vocês mineradores)

*“They take your very life blood and they
take our children's lives
They take fathers away from children and
husbands away from wives
Oh miner, won't you organize wherever
you may be
And make this a land of freedom for
workers like you and me
...
I am a coal miner's wife, I'm sure I wish
you well
Let's sink this capitalist system in the
darkest pits of hell”
(Come on all you miners)*

Na verdade, as mulheres sempre foram parte da história da mineração nos Estados Unidos. Os acampamentos mineiros sempre estiveram cheios de viúvas e mulheres que cuidavam dos doentes e dos incapacitados, sendo suas vidas controladas pela indústria. Foram as mulheres as que se mobilizaram para obter melhores condições de trabalho nas minas, muitas vezes, sem o apoio dos homens. Viúvas, irmãs, mães e filhas sempre foram ativas na organização sindical e durante as greves a participação das mulheres foi crucial. As mulheres e as famílias foram assediadas pelas empresas por sua militância nas manifestações, uma força organizadora e irritante que não passou despercebida, e foram golpeadas, encarceradas e assassinadas. Na Pensilvânia, no início do século XX, houve uma famosa “brigada do pano e a vassoura”, liderada por *Mother Jones*, organizadora do Sindicato dos Trabalhadores Mineiros, que armou muita confusão e que recrutava homens para a greve com a frase: “*Se tiverem medo de brigar, juntaremos às mulheres para que lutem por vocês e dêem uma boa surra na empresa*”. (COAL MINING WOMEN, 1997)

Nos Estados Unidos, nos anos 70, as mulheres começaram a ser empregadas para trabalhar nas minas, mas já durante a II Guerra Mundial, foram recrutadas como escolhedeiras do carvão na superfície. Além da proibição legal das mulheres trabalharem nas minas subterrâneas, como em outras partes do mundo, existia a superstição de que se a mulher entrasse na mina, homens morreriam. Como elas mesmas dizem: “*Não entrávamos nas minas e um monte de homens morria*”. Nos anos 80 já havia umas 4.000 mulheres trabalhando nas minas nos EUA (COAL MINING WOMEN, 1997).

Tudo parece indicar que, durante os séculos XIX e XX, em todos os países, havia mulheres trabalhando na mineração subterrânea, mulheres das classes operárias às quais, pouco a pouco foi se relegando ao espaço doméstico. Apesar das proibições, essas mesmas mulheres e outras que viriam atrás foram retornando para as minas, a maioria de modo informal, com o objetivo de complementar a renda familiar.

Assim, hoje em dia, encontramos um panorama em que a maioria das mulheres mineradoras trabalha na pequena mineração ou garimpo e, pelo geral, as mineradoras com carteira assinada, de médias ou grandes minas, não ultrapassam 10% do total dos trabalhadores. Mesmo essas poucas com carteira assinada sofreram muito e continuam sofrendo para desenvolver seus trabalhos. As minas foram se abrindo para as mulheres novamente nos anos 70 e, desde então, a cada ano, mais mulheres são contratadas no mundo todo. Porém, além dos preconceitos que enfrentam, algumas tiveram até que lutar na justiça para conseguir esse emprego⁷ e quase todas trabalham com homens que dificultam seu trabalho, ignorando-as quando solicitam ajuda, discriminando-as, ou inclusive, assediando-as sexualmente. Mas essas são situações que mudam com o tempo, como indica Tallichet (1995 APUD ESTLUND, 2003) em um estudo de campo sobre relações de gênero na mineração subterrânea em que se encontrou que, junto com a persistente sexualização e estereotipização dos papéis no trabalho “*havia uma forte evidência de terem se desenvolvido relações de igualdade, não sexuais, entre, pelo menos, alguns dos homens e mulheres mineradores*”.

As áreas técnicas e a administrativa, nas quais nunca foi proibido o trabalho feminino, são as que incluem as maiores percentagens do total de mulheres empregadas na mineração formal, em especial a área administrativa e diversas empresas de mineração mostram orgulhosamente o desempenho das mulheres que contratam nas áreas técnicas, número que aumenta de ano em ano.

No Brasil, desde 1960, Engenheiras de Minas e Geólogas estão sendo formadas nas sete escolas do país. Porém o trabalho dessas mulheres não se destaca e, pelo menos aparentemente, não há reconhecimento de que tenham contribuído para o desenvolvimento da mineração. Supõe-se que isto se deva, em parte, ao fato de as mulheres formadas nas áreas técnicas da mineração raramente desenvolverem tarefas para as quais se prepararam, como a produção ou o tratamento de minérios, ficando, normalmente, em áreas correlatas, como meio ambiente, planejamento, ou

no setor comercial, não se envolvendo em projetos em que teriam, inclusive, melhor preparação e treinamento. As mulheres, em entrevistas informais entre engenheiras e geólogas da Espanha e do Brasil alegam que são excluídas, normalmente, por seus colegas homens, tanto na hora da seleção para um emprego nas minas quanto na hora da distribuição do trabalho, quando, raramente lhes são designadas tarefas de produção. Nesse ambiente tradicionalmente masculino e pequeno, se comparado a outros setores industriais, no qual todos se conhecem, criam-se redes de contactos profissionais que, por tradição ou falta de costume, continuam excluindo às mulheres. Esta informação, também é corroborada no relatório *Women in mining: the statistics*, realizado pelo Grupo de Trabalho das Mulheres na Mineração (*Women in mining working group*) que oferece informações sobre a situação das mulheres na mineração australiana. Segundo esse relatório, poucas mulheres continuam seus estudos de pós-graduação em áreas relacionadas à mineração e poucas, também, escolhem trabalhar na indústria mineral sendo os motivos principais que as desencorajam: “o fato das minas ficarem em áreas isoladas, a tradicional rede de contactos masculina e a inadequada infra-estrutura das minas” (HORSLEY, 2005).

Mas há cada vez mais mulheres no poder e, freqüentemente, em áreas relacionadas à mineração como é o caso da ex-ministra de Minas e Energia do Brasil, Dilma Rousseff, ou a atual Ministra de Meio Ambiente, Marina Silva, e o mesmo acontece em outros países, o que mostra que estamos nos aproximando, mesmo que devagar, de um equilíbrio entre os sexos.

CONCLUSÕES

A mineração é uma atividade econômica de grande importância histórica no desenvolvimento das sociedades humanas. A busca pelos recursos minerais tem provocado grandes mudanças nas sociedades em âmbito global ao longo da história, com migrações massivas de trabalhadores e famílias, já desde a antiguidade, com o uso de mão-de-obra escrava, que continuou até as épocas coloniais, “corridas” de trabalhadores livres e prestadores e prestadoras de serviços atrás de ouro e gemas em diversos países dos continentes americano e africano e, hoje em dia, a migração de trabalhadores rurais para regiões de mineração artesanal de ouro, gemas e materiais de construção em todos os continentes.

Apesar dessa importância histórica para as sociedades, os estudos sobre mineração não têm focado os seres humanos assentados nos acampamentos mineiros, a história social dessas comunidades, nem as relações de gênero nessa atividade. Os estudos históricos, de modo geral, analisam questões técnicas e econômicas diversas. Na atualidade, a maioria dos estudos históricos sobre mineração, analisa questões ambientais, alguns estudam as relações laborais e, felizmente, começam a aparecer uns poucos sobre questões de gênero.

Após “garimpar” muitos textos de história, gênero, mineração, economia e outras matérias, podemos afirmar que as mulheres sempre estiveram presentes na mineração, desde o início e ao longo de toda a história dessa atividade econômica. Encontramos números surpreendentes de mulheres em todos, inclusive os mais rudimentares acampamentos mineiros.

Encontramos **trabalhadoras das minas** em tarefas pesadas e masculinas, também nas minas subterrâneas, e de modo intensivo, durante os séculos XVIII, XIX e parte do século XX. Encontramos trabalhadoras das minas, especialmente em trabalhos sobre a superfície, muitas vezes considerados auxiliares ou continuação de suas tarefas domésticas, em todos os períodos da história da mineração.

Essas mulheres enfrentaram e enfrentam ainda todo tipo de preconceitos e dificuldades, como mostra muito bem o filme *Terra Fria* (TERRA FRIA, 2005); preconceitos sociais nas próprias comunidades mineiras, por realizarem tarefas “masculinas”, dificuldades em seus relacionamentos com os mineradores e empresários, com muitos casos de assédio ou falta de companheirismo, preconceito das esposas dos mineradores que não gostam que elas trabalhem com seus maridos, dificuldades para aceder a um posto de trabalho em uma mina, tendo algumas até que lutar na justiça para consegui-lo, dificuldades para aceder a créditos quando são elas as “donas” de empreendimentos mineiros e, sobretudo, enfrentam o não reconhecimento por parte da sociedade do trabalho que desenvolvem, continuam sendo invisíveis após vários milhares de anos de história da mineração.

Encontramos **prestadoras de serviços** de todo tipo, também invisíveis: enfermeiras, costureiras, cozinheiras, lavadeiras, prostitutas, etc. e não poucas hoje em serviços administrativos em grandes minas.

Por último, encontramos **mães, filhas, esposas e viúvas dos trabalhadores** das minas, cuja presença nos acampamentos foi e é incentivada pelas empresas de mineração e pelos governos objetivando garantir a continuidade da mão-de-obra e manter a ordem nesses locais. Felizmente, esse último objetivo das empresas, em diversas ocasiões, “virou do avesso” e assim, podemos encontrar muitas “heroínas”, viúvas e filhas de mineradores que são figuras históricas das lutas pelos direitos dos trabalhadores. Essas mulheres enfrentaram as empresas, muitas vezes sem o apoio dos próprios mineradores a quem defendiam, em busca de melhores condições econômicas, de saúde, e de segurança no trabalho e, hoje, muitas continuam lutando não só pelas condições de trabalho nas minas, mas também pela proteção ambiental das áreas onde moram, em suas comunidades, e pela mineração responsável.

Cada vez fica mais claro que qualquer política mineral deve ser feita levando em consideração o papel fundamental da mulher na mineração. Conhecer o papel das mulheres nesta realidade para valorizar economicamente as funções exercidas por elas nesse contexto social, e fazer visível sua contribuição ao setor mineral, individualmente ou em associações, sindicatos e outras formas de organização

social, certamente será um grande desafio. Aproveitamos para recomendar dois livros muito esclarecedores e interessantes sobre o assunto: *Mining women: gender in the development of a global industry – 1670 to 2005* (GIER E MERCIER, 2006) e, *Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina, 1937 – 1964* (CAROLA, 2002).

Convidamos todos a garimpar este tema, tendo como objetivo a consolidação da presença feminina na mineração, sua valorização e o reconhecimento social de seu importante papel.

- 1 Emponderamento pode se definir como a expansão da capacidade de uma pessoa para fazer escolhas estratégicas em sua vida em aqueles contextos onde antes essa capacidade fora lhe negada (Lahiri-Dutt, 2004).
- 2 Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) foram adotados em 2000 pelos governos de 189 países — incluindo o Brasil — como um compromisso para diminuir a desigualdade e melhorar o desenvolvimento humano no mundo. Ele prevê oito grandes objetivos, a serem cumpridos, em sua maioria, até 2015: erradicar a extrema pobreza e a fome; atingir o ensino básico universal; promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; reduzir a mortalidade infantil; melhorar a saúde materna; combater o HIV/Aids, a malária e outras doenças; garantir a sustentabilidade ambiental e estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento. (CEPAL, 2005)
- 3 Historicamente, o homem, pela sua natureza é apto para o conhecimento, o poder, o espaço público, enquanto a mulher, de natureza frágil e delicada é mais apropriada para o espaço doméstico, a passividade e submissão. Essas idéias, embora existentes desde a antiguidade, foram fortemente impulsionadas e até impostas pelas correntes ideológicas e filosóficas dos séculos XVIII e XIX.
- 4 Durante o reinado de Ramsés IV, uma expedição para explorar blocos de pedra para construção estava constituída por mais de 8.000 pessoas (Davis, 2006)
- 5 Não se trata da Rainha Cleopatra e sim de uma personagem obscura, da Alexandria, da qual se desconhece quase tudo. Porém há muitas referências a ela em textos antigos, o que faz acreditar que existiu realmente.
- 6 A partir desse momento os escravos que lá trabalhavam passaram a ser escravos da Coroa espanhola e, por isso, chamados de Escravos Reais, criando-se na vila, uma nova categoria social, única nas colônias.
- 7 Na Espanha, por exemplo, em 1992, o Tribunal Constitucional, aceitou o recurso de Concepción Rodríguez Valencia contra a Sentencia do Tribunal Superior de Justiça de Madri, em que não era aceita a petição dela de ingressar no trabalho da mina subterrânea de carvão da Hunosa após ter passado os mesmos testes que os homens. Nesse momento histórico para a sociedade espanhola, o Tribunal Constitucional, decidiu que a proibição das mulheres realizarem trabalhos subterrâneos, mesmo com o objetivo de proteger à mulher, feria o direito de igualdade dos espanhóis sendo discriminatória em função do sexo. Hoje junto com Concepción, na mesma mina, trabalham outras cem mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRICOLA, Georgius. **De Re Metallica**. 1950 New Edition New York: Dover Publications, 1950. 638 p. Traduzido por Herbert Clark Hoover e Lou Henry Hoover.

BARTOLETTI, Susan Campbell. **Growing Up in Coal Country**. New York: Houghton Mifflin Company, 1999. 128 p.

BEIK, Mildred Allen. **The Miners of Windwerb: the struggles of new immigrants for unionization, 1890s-1930s**. University Park, Pa: Pennsylvania State University Press, 1996.

BLÁZQUEZ, José Maria. **Administración de las minas en época romana: Su evolución**. 1989. Portal Biblioteca Virtual Cervantes. Disponível em: <<http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/antig/01475007690170651869079/014044.pdf?incr=1>>. Acesso em: 09 set. 2005.

CAESTECKER, Frank. **Alien Policy in Belgium, 1840-1940: The Creation of Guest Workers, Refugees and Illegal Immigrants**. Eua: Berghahn Books, 2001. 352 p.

CAROLA, Carlos Renato. **A mulher na construção do Brasil.: da descoberta à independência**. Coimbra: Minerva, Imprensa de Coimbra, 1996. 80 p.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos Subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937 - 1964)**. Florianópolis: Ed. da Ufsc, 2002. 262 p.

CEPAL (COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE). **Objetivos de Desenvolvimento do Milênio** - Uma visão a partir da América Latina e do Caribe: Informativo sobre o Brasil. Santiago de Chile: Nações Unidas, 2005. Disponível em: <www.pnud.org.br/arquivos/informativo_Brasil.doc>. Acesso em: 15 jan. 2006.

CHERRY, Kittredge. **Womansword: What Japanese Words Say About Women**. Tokio: Kodansha International (jpn), 2002. 160 p.

COAL MINING WOMAN USA: Rounder Select, 1997. 1 disco compacto, digital, estéreo. B00000037Q www.rounder.com

DAVIS, Virginia. **Mines and Quarries of Ancient Egypt**, Part II: Expeditions, settlements, tools and transport . Disponível em: <<http://www.touregypt.net/>>. Acesso em: 18 jan. 2006.

EDGAR, Monroe. **The Temple and Mines at Serabit el-Khadem**. Disponível em: <<http://www.touregypt.net/featurestories/serabit.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2006.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite; ARAGÃO, Lúcia Maria Paixão; PINHEIRO,

Margarida Maria de Souza (Org.). **Ceará no Feminino: As condições de vida da mulher na zona rural**: As condições de vida da mulher na zona rural. Fortaleza: Editora Ufc, 2003. 138p.

ESTLUND, Cynthia. **Working Together: How Workplace Bonds Strengthen a Diverse Democracy**. New York: Oxford University Press, 2003. 256p.

GIBBON, Peter. **Liberalized Development in Tanzania: Studies on Accumulation Processes and Local Institutions**. Suécia: Nordic Africa Institute, 1995. 176 p.

GIER, Jaclyn; MERCIER, Laurie (Ed.). **Mining Women: gender in the development of a global industry, 1670 to 2005**. Primeira Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2006. 355 p.

GOLDMAN, Wendy Z.. **Women at the Gates : Gender and Industry in Stalin**. New York: Cambridge University Press, 2002. 314 p.

HORSLEY, Jessica. **Women in Mining - The Statistics**. On Behalf of the Women in Mining Group, Australian Institute of Mining and Metallurgy - AusIMM. Disponível em: <<http://www.ausimm.com.au/women/wimarticle.doc>>. Acesso em: 14 out. 2005.

HUNTER, Janet. Japanese **Women Working**. Londres: Routledge, 1995. 260 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Coordenação de Trabalho e Rendimento – COREN. – **População Ocupada na Indústria Brasileira: Participação de mulheres e crianças**. Apresentado por Angela Jorge. In: PROSUL, I Encontro – 8 de março de 2005, Rio de Janeiro. Trabalho Infantil e Gênero na Pequena Mineração Sul-americana. Disponível em: <www.cetem.gov.br/prosul>. Acesso em: 06 ago. 2005.

KEENAN, Desmond. **The true origins of Irish Society**. Eua: Xlibris, 2004. 528 p.

KERNAL DERSIS. Administrador do Pnud. **La mujer en la adopción de decisiones** - Discurso do PNUD. Santiago de Chile: Nações Unidas, 2006. Disponível em: <<http://content.undp.org/go/newsroom/march-2006/statement-international-womens-day-20060308.es?gl1n.enc=ISO-8859-1?es>>. Acesso em: 08 mar. 2006.

LAHIRI-DUTT, Kuntala. **Women mine workers: A gendered view of the mines at the times of globalization**. In: INTERNATIONAL WOMEN & MINING CONFERENCE, 3., 1-92004, Visakhapatnan. Defending our lives, demanding our rights. India: Mines, Minerals & People, 2004. p. 58 - 60. Disponível em: <www.mmpindia.org/kuntala.PDF>. Acesso em: 16 jan. 2006.

LAHIRI-DUTT, Kuntala. **Kamins building the empire: class, caste, and gender interface in Indian collieries**. In: GIER, Jaclyn J.; MERCIER, Laurie (Comp.). Mining women: gender in the development of a global industry 1670 -2005: Part I - The Indigenous, Colonial and Imperial Legacy. New York: Palgrave Macmillan, 2006. p. 71-87.

LINS, Fernando Antonio de Freitas; LOUREIRO, Francisco Eduardo de Vries Lapido; ALBUQUERQUE, Gildo de Araújo Sá Cavalcanti de (Ed.). **Brasil 500 Anos: A construção do Brasil e da América Latina pela mineração**. Rio de Janeiro: Cetem/mct, 2000. 254 p.

MANDERSON, Lenore. **Sickness and the State: Health and Illness in Colonial Malaya, 1870-1940**. Eua: Cambridge University Press, 2002. 260 p.

MIRANDA, Leticia. **Mining with a gender perspective**. In: THIRD INTERNATIONAL WOMEN AND MINING CONFERENCE, 2004, Visakhapatnam (india). Defending our lives, demanding our rights. India: Mines, Minerals & People, 2004. v. 1, p. 9 - 10. Disponível em: <<http://www.mmpindia.org/womenmining.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

MONTGOMERY, Fiona; COLETTE, Christine (Ed.). **The european women's history**. Londres: Routledge, 2002.

MORTON, G.r.. **Subterranean Mining and Religion in Ancient Man**. Disponível em: <<http://home.entouch.net/dmd/mining.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2006.

PATAI, R. **The jewish alchemists**. Reprint edition. EUA: Princeton University Press, 1995. 633 p. ISBN: 0691006423

PYBURN, K Anne. **Ungendering civilization**. Londres: Routledge, 2002. 272 p.

RODRIGUES, Rita Maria. **Mulheres do Ouro: O trabalho feminino nos garimpos do Tapajós**. Belém: Secretaria de Estado de Indústria, comércio e Mineração do Pará - Seicom, 1994. 131p. Disponível em: <<http://www.seicom.pa.gov.br/diram/camga.htm#5>>. Acesso em: 17 jul. 2005.

TALLICHET, Suzanne E.. **Gendered relations in the mines and the division of labour underground**. Gender & Society, Austin (texas), v. 9, p.697-709, 1995. Bimensal.

TANDETER, Enrique. **Coercion & Market: Silver Mining in Colonial Potosí 1692 - 1826**. Albuquerque: University Of México Press, 1993.

TERRA FRIA ("North Country"). Direção: Niki Caro. Roteiro: Michael Seitzman, baseado no livro de Clara Bingham. Intérpretes: Charlize Theron, Woody Harrelson, Frances McDormand, Sean Bean, Richard Jenkins, Sissy Spacek, Jeremy Renner, Thomas Curtis, Michelle Monaghan, Rusty Schwimmer, Jillian Armenante e elenco. Los Angeles, Warner Brothers, 2005. 1 DVD (126 minutos). Site oficial: <http://northcountrymovie.warnerbros.com>.